

Lula faz 7 de Setembro com chefes de Poderes e acena a militares



Autoridades em Brasília. O presidente Lula na tribuna de honra ao lado da primeira-dama, Janja, e dos presidentes do Congresso, Rodrigo Pacheco, e do STF, Rosa Weber, além de ministros

VOLTA AO NORMAL

Sem discurso e com aceno a militares, Lula reúne chefes dos Poderes no 7 de Setembro

ALICE CRAVO, CAMILA TURTELLI, EDUARDO GONÇALVES, JENIFFER GULARTE, MARIANA MUNIZ E DIMITRIS DANTAS

O primeiro 7 de Setembro do terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, celebrado ontem, foi marcado por uma cerimônia protocolar, sem discursos políticos e a presença de chefes do Legislativo e do Judiciário. Ao dar um caráter institucional ao evento, o governo enviou um recado ao país de volta à normalidade, numa tentativa de desvincular a comemoração da Independência das ameaças golpistas que marcaram a data ao longo do governo de Jair Bolsonaro. No início da cerimônia, parte do público entou gritos de "democracia" antes da execução do Hino Nacional.

Lula acompanhou o desfile na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, na tribuna de honra ao lado dos presidentes do Congresso, Rodrigo Pacheco, e do Supremo Tribunal Federal (STF), Rosa Weber, além dos comandantes das Forças Armadas, general Tomás Miguel Ribeiro Paiva (Exército), almirante Marcos Sampaio Olsen (Marinha) e brigadeiro Marcelo Kanitz Damasceno (Aeronáutica). Também convidado, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), não compareceu. Ele afirmou que já tinha compromissos previamente marcados em Alagoas, seu reduto eleitoral.

O desfile na Esplanada serviu para Lula fazer um aceno às Forças Armadas. Além do desfile e de um show de caças da Força Aérea Brasileira (FAB), o go-



Carro aberto. Do Rolls-Royce presidencial, Lula e Janja acenam ao público



Atração. Zé Gotinha, símbolo da campanha de vacinação, no desfile

O DIA DA INDEPENDÊNCIA SOB BOLSONARO



2021 - Ataque a Moraes Em discurso na Avenida Paulista, o então presidente exaltou o golpe militar, fez críticas ao sistema eleitoral brasileiro e atacou ministros do STF. O alvo principal foi Alexandre de Moraes, chamado de "canalha" por Bolsonaro, que também afirmou, na ocasião, que não cumpriria mais as ordens do magistrado, retator do inquérito das milícias digitais e, agora, dos atos de 8 de janeiro.



2022 - O "imbrotável" No bicentário da Independência, o então candidato à reeleição subiu em carros elétricos em manifestações de rua em Brasília e no Rio e foi acusado de usar a data para fazer campanha. Dessa vez, ele não citou ministros do STF, mas afirmou que, se venesse as eleições, levaria para dentro das quatro linhas da Constituição todos que "ousam ficar fora delas". No DF, ao lado de Michelle, puxou o coro de "imbrotável".

verno organizou uma exposição no gramado da Esplanada, com tendas de simulação de tiro, de voo e de exibição de maquinário militar. Panfletos sobre a atuação das Forças em áreas com saúde e proteção da Amazônia eram distribuídos a quem chegava. O 7 de Setembro ocorreu em meio a uma tensão com os militares por causa das investigações sobre os ataques golpistas do último 8 de janeiro e a venda de joias recebidas como presente por Jair Bolsonaro.

O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, afirmou haver ontem um "clima de harmonia e trabalho", sobretudo entre o Planalto e as Forças Armadas, mas que ficará melhor quando a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) de 8 de Janeiro for encerrada — o que está previsto para ocorrer apenas em novembro. Segundo ele, é preciso acabar com o clima de suspeição em relação aos militares, causados pelo avanço das investigações da Polícia Federal com integrantes das

Forças Armadas: — Já existe um clima de harmonia e trabalho. Evidentemente que, quando encerrar a CPMI, essas coisas todas, o clima de suspeição, vai ficar ótimo — afirmou após o desfile. PRESENÇA DE ROSA WEBER Na terça-feira, ao falar sobre o Sete de Setembro, Lula chegou a fazer críticas de que os militares se "apoderaram" do feriado e que a data deixou de ser uma "coisa da sociedade como um todo". Ele, no entanto, fez um

aceno às Forças, afirmando que é "fissurado no Hino da Independência". Lula fez questão de posar para fotos com os comandantes do Exército, Tomás Paiva; da Marinha, Marcos Olsen; e da Aeronáutica, Marcelo Damasceno. Durante o ato, ele chamou os oficiais e buscou um aperto de mãos entre eles e o ministro da Defesa, José Múcio, antes do registro da imagem. A presença de Rosa Weber na tribuna representou o fim do jejum de dois anos em que a celebração ocor-

reu sem a presença de um representante do STF. O último presidente da Corte a participar das celebrações havia sido Dias Toffoli, que em 2020, auge da pandemia, esteve presente em uma solenidade reduzida feita no gramado do Palácio da Alvorada com o então presidente Jair Bolsonaro. Nos anos seguintes, em 2021 e 2022, o 7 de Setembro foi marcado por ataques velados à democracia e a ministros da Corte por Bolsonaro. A cerimônia do ano passado, a última de sua gestão, rendeu ao então presidente um processo no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por abuso de poder político e econômico, além do uso indevido dos meios de comunicação.

Na ocasião, depois de participar do desfile militar, o então presidente subiu em um palanque montado na Esplanada dos Ministérios, cercado por apoiadores, e fez um discurso em tom eleitoral. Na ocasião, ele pediu para que seus apoiadores votassem e mudassem a opinião de outras pessoas a seu favor.

Em 2021, Bolsonaro usou o feriado da Independência para fazer um discurso golpista com ameaças ao Supremo e defendeu a desobediência de decisões da Justiça. Disse na ocasião que "qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou", discursou na oportunidade em que também chamou o magistrado de "canalha".

PRESENÇA DE MINISTROS

Um dos pontos altos da cerimônia foi a participação do Zé Gotinha, personagem criado para incentivar a vacinação de crianças. Esquecido durante o governo Bolsonaro, ele voltou a ganhar destaque na propaganda oficial e foi bastante aplaudido pelo público ao desfilarem em cima de um caminhão do Corpo de Bombeiros.

As manifestações políticas ficaram restritas à primeira-dama, Rosângela Silva, a Janja, que vestiu vermelho — cor do PT — e fez o sinal do "L" com os dedos a apoiadores, numa alusão ao símbolo usado para identificar o voto em Lula nas eleições. Ao longo do desfile, apoiadores do presidente também entoaram cantos usados na campanha, como "olê, olê, olê, Lula".

A Secretaria de Comunicação Social afirmou que 50 mil pessoas acompanharam o desfile nas arquibancadas montadas ao longo da Esplanada. A Polícia Militar do Distrito Federal, que costuma fazer esse tipo de contabilidade, não informou a quantidade de público.

No dia após a demissão da titular da pasta de Esporte, Ana Moser, para abrigar o Centro, o presidente se cercou ainda de suas ministras, numa demonstração de apoio. Mas um clima de desconforto por parte de alguns auxiliares devido ao episódio não passou despercebido. Integrantes do governo avaliaram que a forma como ocorreu a dispensa da ministra foi grosseira, por não ter sido feito um agradecimento ou mesmo dado à ex-atleta um reconhecimento público, por parte do presidente.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Política **Página:** 4